

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO

Luiza Huber Jacques

“SER SUBMISSA É ESTAR SOB A MESMA MISSÃO”:
FAMÍLIA, FEMINISMO E MULHERES EVANGÉLICAS EM SANTA
MARIA - RS

Santa Maria, RS
2023

Luiza Huber Jacques

**“SER SUBMISSA É ESTAR SOB A MESMA MISSÃO”:
FAMÍLIA, FEMINISMO E MULHERES EVANGÉLICAS EM SANTA MARIA - RS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Estudos de Gênero.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Samuel Kessler

Santa Maria, RS
2023

Luiza Huber Jacques

**“SER SUBMISSA É ESTAR SOB A MESMA MISSÃO”:
FAMÍLIA, FEMINISMO E MULHERES EVANGÉLICAS EM SANTA MARIA - RS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista em Estudos de Gênero**.

Aprovada em 06 de setembro de 2023:

**Cláudia Samuel Kessler, Doutora (UFSM)
(Orientadora)**

**Zulmira Newlands Borges, Doutora (UFSM)
(Coorientadora)**

Fernanda de Oliveira Alves, Mestra (UFSM)

Milena Carvalho Bezerra Freire, Doutora (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão contou com a ajuda de várias pessoas, dentre as quais agradeço:

Às minhas orientadoras, Cláudia Kessler e Zulmira Borges, que me acompanharam durante todo o processo e forneceram todo auxílio necessário para a elaboração da pesquisa.

A todas as professoras e professores que através dos seus ensinamentos permitiram que eu pudesse escrever este trabalho e enriquecer minha capacidade crítica e reflexiva.

Às entrevistadas que participaram da pesquisa, pela sua colaboração, disposição e participação durante as entrevistas.

Às minhas colegas da especialização por todas as trocas e apoio durante esse tempo.

À minha família: minha mãe Carmem e meu irmão Vitor, que me apoiaram durante todo o processo, ao meu pai Álvaro, que mesmo não estando mais conosco, segue sendo minha inspiração e a Mel, que por um longo tempo da pesquisa foi minha companheira de colo.

A todas as minhas amigas e amigos, cujo apoio foi fundamental para a realização deste trabalho.

Ser mulher é maravilhoso, mas como nem tudo é flores
ser mulher também é espinhos
ser mulher é sentir um medo constante ao sair sozinha à noite
medo do homem
o mesmo primogênito de Deus
o mesmo que só por ter um pênis entre as pernas
acha que tem direito sobre nossos corpos
acha que somos propriedades deles
o mesmo que acha que somos partes de sua costela
mal sabem eles que somos mulheres
regidas pela lua
a primeira mulher que se recusou a seguir padrões do homem
a que possui um útero do qual nascem todos os seres humanos
a que sangra todos os meses
a que sente a dor do parto
a que sente à flor da pele
a que mesmo com medo vive, floresce

(FRANÇA, Fernanda. *Moça, você é tão poesia quanto mulher*, 2020, p.37)

RESUMO

“SER SUBMISSA É ESTAR SOB A MESMA MISSÃO”: FAMÍLIA, FEMINISMO E MULHERES EVANGÉLICAS EM SANTA MARIA - RS

AUTORA: Luiza Huber Jacques
ORIENTADORA: Cláudia Samuel Kessler

Esta é uma pesquisa com viés antropológico, cujo objetivo é entender mais sobre a concepção de família e o papel social de mulheres evangélicas na região de Santa Maria - RS. Foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas, conduzidas de modo presencial e online, com mulheres entre 28 e 76 anos, pertencentes a diferentes filiações da igreja evangélica. As entrevistas abordaram questões relacionadas à religião, igreja, família e obediência, buscando entender os papéis de gênero conforme expressos em suas respostas. A técnica utilizada é conhecida como “snowball”, em que cada participante indica novas participantes para serem entrevistadas. Os resultados revelam que, apesar de receberem algumas influências de diferentes feminismos, essas mulheres têm como referencial para suas vidas ideologias de grupos religiosos protestantes que entendem que a mulher deve seguir um papel social que não pode se sobressair ao papel do homem. Possuem, portanto, um forte ideal de família tradicional heterossexual baseada em homem, mulher e filhos. A influência do entorno social com pessoas religiosas em seu dia a dia é bastante presente, se caracterizando como base para seus modos de viver e pensar. A rede social dessas mulheres inclui principalmente a sua família nuclear e membros da igreja que frequentam. As entrevistas revelam um conhecimento superficial e universal dos feminismos, concentrando-se nos aspectos mais polêmicos e contraditórios. Elas ressaltam os reflexos do patriarcado na religião, demonstrando a interligação entre eles.

Palavras-chave: Gênero. Religião. Religião evangélica. Feminismo.

ABSTRACT

“TO BE SUBMISSIVE IS TO BE UNDER THE SAME MISSION”: FAMILY, FEMINISM AND EVANGELICAL WOMEN IN SANTA MARIA - RS

AUTHOR: Luiza Huber Jacques
ADVISOR: Cláudia Samuel Kessler

This is a research with an anthropological bias, whose objective is to understand more about the conception of family and the social role of evangelical women in the region of Santa Maria - RS. Nine semi-structured interviews were carried out, conducted in person and online, with women between 28 and 76 years old, belonging to different affiliations of the evangelical church. The interviews addressed issues related to religion, church, family and obedience, seeking to understand gender roles as expressed in their responses. The technique used is known as “snowball”, in which each participant indicates new participants to be interviewed. The results reveal that, despite receiving some influences from different feminisms, these women have as a reference for their lives the ideologies of Protestant religious groups that understand that women must follow a social role that cannot stand out from the role of men. Therefore, they have a strong idea of a traditional heterosexual family based on a man, woman and children. The influence of the social environment on religious people in their daily lives is very present, characterizing itself as the basis for their ways of living and thinking. These women's social network mainly includes their nuclear family and members of the church they attend. The interviews reveal a superficial and universal knowledge of feminisms, focusing on the most controversial and contradictory aspects. They highlight the reflexes of patriarchy in religion, demonstrating the interconnection between them.

Keywords: Gender. Religion. Evangelical religion. Feminism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	GÊNERO E SUAS CONCEPÇÕES	09
3	INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA PERCEPÇÃO DE GÊNERO	15
3.1	Família: Entrevistas com mulheres que frequentam igrejas evangélicas.....	16
3.1.1	Religião e feminismo.....	29
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	35
	ANEXO I	38
	ANEXO II	39

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é fruto de inquietudes que provêm das relações desiguais entre homens e mulheres na sociedade brasileira. A partir de um olhar que inicialmente realizei no campo da Psicologia, direciono meu olhar para a influência que a religião tem na vida de mulheres evangélicas de Santa Maria - RS.

A partir da reflexão sobre o que é ser mulher dentro de uma sociedade patriarcal e como isto é visto dentro do contexto religioso. Foram realizadas entrevistas com nove mulheres que frequentam uma igreja evangélica. A religião evangélica vem crescendo muito dentro do contexto brasileiro nos últimos anos, sendo um dos segmentos religiosos que mais cresceu desde o último censo (IBGE, 2012).

Este estudo buscou uma reflexão sobre os papéis de gênero e os estereótipos de feminilidade e masculinidade operantes na sociedade. Ao considerá-los como construções culturais e não como inatos, como consequências de um corpo, algo natural e fixo, traz a possibilidade de que estes estereótipos sejam modificados. Sendo assim, aumentam-se as possibilidades de que certas limitações sociais sejam desconstruídas, visando construir uma sociedade sem uma hierarquia de gênero.

Este trabalho está dividido em três partes, onde inicialmente exponho sobre gênero e suas conexões com o mundo religioso; na segunda parte analiso entrevistas semiestruturadas realizadas com nove participantes de igrejas evangélicas da região de Santa Maria - RS; e na terceira parte apresento como o feminismo é entendido pelas mulheres evangélicas.

2 GÊNERO E SUAS CONCEPÇÕES

Durante muito tempo acreditou-se existir somente um sexo, sendo que o masculino era considerado como modelo ideal do corpo humano. A partir deste modelo, compreendia-se que mulheres e homens se diferenciavam por “graus” de perfeição, sendo os homens o mais alto grau de perfeição. Por esta forma de pensar, a mulher era considerada como um ser masculino invertido e inferior, sem ter alcançado a evolução do corpo como o homem (COSTA, 1995).

Historicamente, principalmente a partir do século XVIII, no mundo ocidental, a divisão entre masculino e feminino tem servido como forma distintiva de tratamento dos corpos. Utilizam-se determinados critérios, tais como a genitália, comportamento ou forma de vestir. Ao ser nomeado enquanto menino ou menina, a pessoa involuntariamente recebe algo que pode ser considerado como “um caminho a seguir”, ou seja, normativas que deve seguir, segundo esta distinção binária. Para ser entendida como “legítima” esta pessoa deve obedecer certas normas, para assim ter certos direitos e deveres, privilégios e desvantagens (PISCITELLI, 2009).

No século XVIII, a partir do questionamento quanto à função da mulher na sociedade e a mudança da realidade social, há o surgimento da noção de dois sexos e o útero servia como elemento de definição daquilo que era considerado como “ser mulher”. A partir de um clamor social para uma diferenciação dos corpos, ou seja, em busca de soluções para os problemas políticos-ideológicos da época, houve uma reinterpretação dos corpos; e a divisão binária dos sexos passou a servir como justificativa e imposição de diferenças morais nos comportamentos femininos e masculinos, de acordo com a demanda social (COSTA, 1995).

Ou seja, a partir do século XVIII as diferenças biológicas serviram como base para que os pensadores sociais discutissem sobre as supostas diferenças inatas entre homens e mulheres, como justificativa para as diferenciações sociais. Já que a natureza supostamente já havia estabelecido a divisão, restava à sociedade apenas promover comportamentos apropriados (ROHDEN, 2001).

Assim, a marcação do corpo com a diferenciação dos sexos resultou na introdução da desigualdade. Esta diferenciação influenciou na definição das diferenças morais nos comportamentos de ambos os sexos, levando à ideia de uma suposta superioridade masculina em relação ao feminino, ao estabelecer a diferenciação social e cultural dos sexos com base em uma biologia que pressupõe a incomensurabilidade (COSTA, 1995).

Além disso, havia um conflito entre as esferas pública e privada e, a partir dessa diferenciação dos sexos, utilizou-se da biologia feminina para justificar uma suposta incapacidade da mulher em desempenhar papéis sociais na esfera pública. Devido à falta de desenvolvimento de muitas tecnologias, a força física era requerida para muitas atividades e as mulheres não eram vistas como aptas a realizar estas atividades. Como resultado, às mulheres eram atribuídas as tarefas referentes à vida privada (COSTA, 1995).

No século XIX, essas distinções e conclusões políticas baseadas na natureza se tornaram incontestáveis, e tanto a ciência quanto a medicina continuaram a fornecer cada vez mais detalhes que supostamente comprovariam a insuperabilidade da diferença. Era tarefa da medicina decodificar os sinais manifestados nos corpos de homens e mulheres, sendo esses sinais não apenas físicos, mas que também envolviam uma elaborada definição das características biológicas fundamentada em uma visão de mundo hierárquica entre os gêneros (ROHDEN, 2001).

Apenas a partir da segunda metade do XX surge a preocupação teórica com o gênero como categoria analítica. Ou seja, foi somente neste período recente que a palavra “gênero” começou a ser utilizada em seu sentido mais literal como uma forma de descrever a organização social das relações sociais entre os sexos (SCOTT, 2019). Um grupo social muito importante para essa mudança de pensamento foi o das feministas, as quais, com seus diferentes matizes de raça/etnia, nacionalidade, crenças, sexualidades, etc. organizavam-se para demonstrar que estavam cansadas de serem tratadas com inferioridade.

Gênero é definido como uma “[...] conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 2019, p.86). Além disso, de acordo com Scott (2019), existem na cultura ocidental símbolos que trazem representações simbólicas e estão presentes em diversas doutrinas, tais como as religiosas, que afirmam de maneira definitiva e inquestionável o significado atribuído ao homem e à mulher (como seres universais).

As diferenças entre os corpos macho e fêmea são traduzidas em certas significações sociais, o que faz com que homens e mulheres passem por socializações particulares. Essa definição provinda da diferença, traz distribuições desiguais de poder e já que esta diferença é vista como natural e imutável, as desigualdades acabam sendo “naturalizadas” (PISCITELLI, 2009). Entretanto, o gênero deve compreender o caráter cultural das distinções entre mulheres e homens, ou seja, refere-se à aprendizados que variam de acordo com a história, lugar, classe social (PISCITELLI, 2009).

Em um meio acadêmico ainda permeado por muitos homens, a antropóloga Margaret Mead se destacou ao problematizar a ideia de que feminilidade e

masculinidade eram fixas e em 1930 fez uma pesquisa comparativa com três sociedades primitivas na Nova Guiné. Seu objetivo era observar como estes grupos sociais lidavam com as diferenças sexuais e quais as atitudes sociais decorriam destas diferenças (PISCITELLI, 2009).

Mead estudou as sociedades primitivas Arapesh, Mundugumor e Tchambuli. Dentre os Arapesh, mulheres e homens possuíam características consideradas femininas pela cultura estadunidense como, por exemplo, eram maternais e pouco individualistas. Já o povo Mundugumor era o oposto, possuía características consideradas masculinas pela cultura estadunidense, eram agricultores e pescadores implacáveis e agressivos (PISCITELLI, 2009).

Dentre o povo Tchambuli havia diferenças entre mulheres e homens, uma inversão do que apresentava a cultura estadunidense da época, já que as mulheres eram dominadoras e impessoais e os homens os menos responsáveis e emocionalmente dependentes. A pesquisa de Mead mostra que os traços de caráter são aprendidos e determinados pela cultura e não são inatos, ligados ao sexo, pois se fossem naturais seriam iguais no mundo todo (PISCITELLI, 2009).

A partir de um processo histórico e cultural, as diferenças percebidas entre mulheres e homens foram transformadas em desigualdades que tiveram como resultado uma naturalização de estereótipos de feminilidade e masculinidade. Sendo assim, gênero é considerado como “um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p.10).

Existem arranjos de gênero que exercem uma força sobre toda nossa vida, são generalizações repetidas em casa, na igreja, na escola, expectativas a respeito de como deve-se agir, se comportar e pensar, limitando assim a forma de ser no mundo (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). Além de limitar, também determina quais são os papéis sociais possíveis e como desempenhá-los, determinando assim que posições são possíveis de serem ocupadas dentro da sociedade (PISCITELLI, 2009).

Essa organização binária reverbera em posições de poder diferentes para mulheres e homens, reforçando a hierarquização entre sujeitos. Antes mesmo de nascer, cada pessoa já é impactada sobre o que a sociedade entende por diferenciação sexual, ou seja, ser mulher na nossa sociedade pode ser, por exemplo, “estar em uma determinada situação econômica, social e política. Essa

situação implica um conjunto de normas pelas quais as mulheres devem se comportar e pelas quais elas são julgadas” (MANON, 2018, p.78).

A sociedade ocidental é constituída pela estrutura mental do patriarcado, ou seja, o sistema onde os homens detêm o poder e são a origem da composição da sociedade como um todo (MORGANTE; NADER, 2014). Sendo assim, este sistema reverbera em diversas construções históricas, como a do gênero e isto se evidencia quando durante milênios pensava-se em apenas um sexo, o masculino, e mais tarde ao olhar para o sexo feminino, este era visto como inferior ao masculino (COSTA, 1995).

O patriarcado é um sistema político-jurídico que consiste em concentrar nas mãos dos homens a autoridade e os direitos sobre bens e pessoas (ROUDINESCO; PLON, 1998). Estabelece-se como um pacto social e sexual pois além de garantir um direito político dos homens em relação às mulheres garante um acesso ao corpo feminino. E a partir deste poder conferido aos homens presume-se uma relação de violência (CUNHA, 2014).

O acesso ao corpo feminino e a violência são evidenciados nos dados da quarta edição da pesquisa “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, publicada em 2023 pelo Datafolha e Fórum Brasileira de Segurança Pública. Segundo a pesquisa, em 2022, quase 51 mil mulheres sofreram violência diariamente no Brasil, 46,7% das brasileiras afirmam ter sofrido alguma forma de assédio, e quase 30% das mulheres relataram ter sido vítimas de agressão ou violência.

Isso significa dizer que há relações hierarquizadas e uma dominação do masculino sobre o feminino, tendo como consequência a subordinação da mulher. O patriarcado é um sistema que compõe não apenas a esfera familiar, política ou trabalhista, mas sim “[...] a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais” (MORGANTE; NADER, 2014, p. 3).

A configuração familiar patriarcal de dominância do pai e submissão da mãe ensina às crianças de que as relações de poder são associadas ao gênero, mostrando para elas quem domina e quem é dominado (CHECCHIA, 2020). Dessa forma, na sociedade ocidental patriarcal, a mulher é educada socialmente para permanecer no espaço privado. Tornar-se socialmente mulher é ser responsável

pela casa e pela família, devendo obedecer. Já o homem é ensinado a comandar e fazer parte do espaço público (CUNHA, 2014).

O conceito gênero propõe uma aproximação de uma abordagem mais ampla, a partir disso não se está negando a materialidade do corpo, mas sim alterando o foco do corpo para os processos sociais de diferenciações. Corpo e cultura estão imbricados. Desde muito cedo o indivíduo aprende a reconhecer seu lugar social; antes mesmo de nascer a descoberta do sexo já define os lugares possíveis de serem ocupados e as normas que precisa obedecer (MEYER, 2003).

Dentro da sociedade patriarcal em que estamos inseridos e inseridas, existem normas, leis, símbolos, políticas e instituições sociais que são atravessadas pelas representações de gênero e de uma maneira sutil e naturalizada reproduzem os estereótipos. Essa reprodução naturaliza o que entendemos como diferença entre homens e mulheres, limitando as possibilidades de ser no mundo e criando desigualdades (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

A religião apresenta-se como elemento estruturante do patriarcado, ambas se entrelaçam de maneira contínua, já que ao longo de sua história foram construídas concepções teológicas sobre os corpos femininos e masculinos. Essas ideias contribuíram para estabelecer papéis específicos para homens e mulheres, resultando em desvantagens para as mulheres, contribuindo para a perpetuação do patriarcado como uma característica sociocultural (LEMOS, 2013).

Um exemplo de perpetuação do patriarcado pela igreja e (re)produção da hierarquia dos sexos é a história bíblica de Eva e Adão. A história conta que ambos viviam no paraíso, porém Eva seduziu Adão para que comesse o fruto proibido e assim Deus expulsou os dois do paraíso. Ou seja, Eva, a mulher, é a culpada pela expulsão do homem do paraíso, ela é então a portadora primordial do mal e como castigo é necessário que ela seja dominada pelo homem (SILVA, 2013). Esta construção binária, de bem e mal, força e fraqueza, se perpetua até hoje.

As construções e representações de gênero são reforçadas diariamente através de afirmações que naturalizam o que é “próprio do feminino” e o “próprio do masculino”, fazendo com que as desigualdades de gênero persistam na sociedade. Dessa forma, mesmo que mulheres se incomodem com comportamentos machistas e agressivos de seus parceiros, podem entender estes comportamentos como algo natural, resultando na permanência em relacionamentos conflituosos ou abusivos (SOUZA; OSHIRO, 2018).

Essa naturalização de comportamentos machistas e agressivos pode levar as mulheres a permanecerem em ciclos de violência. Os sistemas religiosos contribuem com essa permanência ao reafirmar a submissão e a obediência das mulheres. Também reproduzem uma resistência à separação conjugal em que, muitas vezes, impossibilita as mulheres de sair de ciclos de violência (SOUZA; OSHIRO, 2018). Os sistemas religiosos em sua maioria são ainda gerenciados e coordenados por homens, os quais, nascidos em meio a privilégios fornecidos pelo gênero, não conseguem extrapolar a estrutura social na qual foram educados.

O conceito de gênero possibilita pensar no processo social de construção dos papéis de gênero e sua hierarquia. Esse rompimento com a naturalização da submissão feminina e dominação masculina possibilita questionamento do sistema de dominação fundamentado na diferenciação sexual (SOUZA; OSHIRO, 2018). Na seguinte seção reflito sobre a influência entre gênero e religião, de forma a compreender um pouco melhor como a estrutura religiosa é importante também em uma visão tradicional sobre o gênero, na qual as mulheres são entendidas como submissas e devem permanecer sob os cuidados e proteção de homens. São estruturas de poder complexas, nas quais elas se inserem ou são inseridas e que, ao mesmo tempo em que lhes conferem amparo em adversidades diárias, também lhes impõem normas de comportamento ditadas pelo gênero.

3 INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA PERCEPÇÃO DE GÊNERO

É notável o crescimento do número de evangélicos no Brasil nos últimos anos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010, o número total de brasileiros que se declararam evangélicos em 2010 foi de aproximadamente 42,3 milhões de pessoas. Sendo o segmento religioso que mais cresceu desde o último censo, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas. Eles representavam 15,4% da população em 2000 e chegaram a 22,2% da população em 2010 (IBGE, 2012).

A religião evangélica teve sua origem na Reforma Protestante no século XVI, em que houve uma separação da Igreja Católica e que tem, de forma geral, como foco central a Bíblia como elemento central da fé. O protestantismo pode ser dividido em três principais correntes: os protestantes históricos (Igreja Luterana, Batista, entre outras), os pentecostais (Assembléia de Deus, Deus é Amor, Evangelho

Quadrangular e Congregação Cristã do Brasil) e os neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo, entre outras) (MAGENTA, 2022).

De maneira geral, os pentecostais defendem a ideia que a fé tem que ser uma experiência poderosa e o batismo no Espírito Santo é um aspecto fundamental. Um desdobramento do pentecostalismo é o neopentecostalismo, que tem como um dos seus marcos a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus. Não há um consenso sobre as diferenças entre ambas além de uma diferença temporal, sendo assim as neopentecostais todas surgidas após 1970 (MAGENTA, 2022).

Há uma grande diversidade de filiações dentro das correntes evangélicas e uma variedade de pensamentos evangélicos, ou seja, eles não são um grupo com um pensamento uniforme, formado por pessoas com os mesmos pensamentos. Já que existem várias correntes e mesmo dentro destas correntes, existem igrejas com pensamentos diferentes.

3.1 Família: Entrevistas com mulheres que frequentam igrejas evangélicas

Ao longo de 2023 realizei entrevistas com nove mulheres que frequentam igrejas evangélicas, com experiências em diferentes filiações. Inicialmente entrei em contato com pessoas próximas de meu círculo social e pedi para participar de um culto da sua igreja de referência, pois queria conhecer a instituição e ter uma compreensão básica do seu funcionamento, pois eu nunca havia participado de um culto e entendia que era importante esta aproximação.

Foi realizada apenas uma entrevista com cada participante, sendo duas delas presenciais, realizadas na residência das entrevistadas, duas ligações por meio de chamadas de áudio e as outras cinco foram realizadas por meio de chamadas de vídeo, todas de acordo com a disponibilidade de cada entrevistada. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas com consentimento prévio das participantes. Inicialmente, foi solicitada a permissão para gravar a entrevista, seguida pela leitura e aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme anexo I. A opção pela leitura do termo foi feita considerando que a maioria das entrevistas foram realizadas de modo online, visando proporcionar uma melhor compreensão do termo e evitar constrangimentos caso alguma das entrevistadas não soubesse ler ou escrever.

Para a realização da entrevista, foi utilizado um roteiro de perguntas, conforme apresentado no anexo II, como base para direcionar a conversa. No entanto, a abordagem adotada consistiu em uma entrevista semiestruturada, na qual as entrevistadas se expressavam livremente e as perguntas seguiam um fluxo de conversação contínuo.

Para preservar a privacidade das entrevistadas será adotado o uso de nomes fictícios e todas informações que possam levar à sua identificação serão evitadas. Seguindo a orientação de Víctora, Knauth e Hassen (2000), é fundamental garantir o anonimato das participantes, utilizando nomes fictícios como regra, além de ter cautela ao descrever características individuais para evitar qualquer possibilidade de identificação. Após a primeira entrevista ficou evidente o quão importante é manter o anonimato, uma vez que a entrevistada expressou preocupação ao relatar questões relacionadas à igreja, temendo ser reconhecida pelo pastor.

Após a realização da primeira entrevista, solicitei a amigos que me indicassem outras mulheres para entrevistar. Posteriormente, as próprias entrevistadas estabeleciam o contato prévio com outras mulheres da igreja e compartilhavam comigo as informações de contato delas. Uma das entrevistadas me concedeu a oportunidade de participar de um grupo de mulheres dentro da igreja, o que me permitiu apresentar a pesquisa e, assim, entrevistar outras participantes desse grupo.

Essa é uma técnica frequentemente utilizada para obtenção de participantes em pesquisas, conhecida como “snowball”, em que cada participante sugere novas pessoas para participarem do estudo. Já que a coleta de dados requer o estabelecimento de uma relação entre a pesquisadora e a entrevistada, com esta técnica se amplia a rede de pessoas entrevistadas. As participantes não foram intencionalmente escolhidas, já que foram resultados da rede de relações e interesses (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000).

As redes de relações são compostas por um conjunto específico de vínculo entre pessoas, e as características desse conjunto podem ser utilizadas para compreender o comportamento social dos indivíduos envolvidos, bem como para entender a estrutura social na qual essas redes se estabelecem (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000).

A pesquisa de método qualitativo tem como uma das características principais o objetivo de fornecer uma visão interna do grupo pesquisado. Esse método permite

a observação de vários elementos e envolve a exploração de um conjunto abrangente de questões, o que requer o estudo de um grupo reduzido de indivíduos. Essa abordagem de pesquisa proporciona um conhecimento aprofundado sobre um evento específico, permitindo a explicação de comportamentos. A análise dos dados, por sua vez, assume a forma de interpretação dos eventos investigados (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000).

Ao estabelecer contato com as possíveis entrevistadas, elas demonstraram uma receptividade positiva em relação à realização da entrevista. No entanto, algumas delas deixaram de responder às mensagens, e minha hipótese é de que isso tenha ocorrido devido às demandas e compromissos diários ou à falta de interesse em compartilhar sobre sua crença religiosa para uma pesquisa acadêmica. Em relação aos horários, as entrevistas foram realizadas em diferentes momentos, inclusive em um dia de feriado.

Antes das entrevistas, eu me apresentava e explicava que as perguntas seriam simples e estariam relacionadas à igreja evangélica e à família. Também me colocava à disposição para esclarecer qualquer dúvida prévia. Durante as ligações ou encontros presenciais, a maioria das entrevistadas estava sozinha, sendo que em apenas três entrevistas havia a presença breve de uma filha ou filho.

Além disso, a maioria das participantes mostrou-se um pouco nervosa logo no início da entrevista, porém algumas relataram ter gostado da experiência ou mencionaram que imaginavam não conseguir responder adequadamente. As entrevistas tiveram uma duração média de 30 minutos a 1 hora e 30 minutos, resultando em transcrições de aproximadamente seis a dezenove páginas.

Dentre as entrevistadas, sete são membros da Igreja Batista, enquanto as outras duas possuem filiações religiosas diferentes. Apenas três das entrevistadas têm menos de 40 anos, enquanto as demais estão na faixa etária entre 50 e 76 anos. Em relação à escolaridade, quatro entrevistadas possuem ensino superior completo e uma começou mas não concluiu essa etapa educacional. Quatro têm até o ensino médio completo e apenas uma possui ensino fundamental completo. Esses dados indicam que a maioria das entrevistadas possui um nível de escolaridade elevado.

Em relação à maternidade, quatro entrevistadas têm dois filhos cada. Uma delas é mãe de três filhos, outra de quatro, e uma entrevistada tem um filho. Das nove entrevistadas, apenas duas não têm filhos atualmente, uma com 61 anos que

pensa em adotar uma criança e outra entrevistada tem 28 anos e planeja ter um filho no futuro. Do grupo de entrevistadas, apenas três estão empregadas no momento, as duas mulheres sem filhos e uma que realiza trabalhos manuais no ambiente doméstico e tem um filho.

Além disso, seis entrevistadas estão atualmente casadas e três já tiveram relacionamentos anteriores, mas estão atualmente solteiras. Entre as mulheres casadas, duas delas conhecem seus maridos desde os 15 anos de idade, e uma delas casou aos 17 anos. Segue abaixo uma tabela para melhor visualização dos dados trazidos sobre as entrevistadas:

Quadro I - Caracterização social das entrevistas

NOMES	NÚMERO DE FILHOS	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	ESTADO CIVIL	TEMPO DE RELACIONAMENTO
Vanessa	Nenhum	Ensino médio completo	Empregada doméstica	Solteira	-
Alessandra	2	Ensino superior incompleto	Não trabalha	Casada	7 anos
Jéssica	2	Ensino superior completo	Não trabalha	Casada	10 anos
Fabrine	Nenhum	Ensino médio completo	Forças armadas	Casada	13 anos
Elen	4	Ensino fundamental completo	Não trabalha	Casada	40 anos
Rose	3	Ensino superior completo	Não trabalha	Divorciada	-
Jaqueline	2	Ensino superior completo	Não trabalha	Casada	34 anos
Raquel	2	Ensino médio completo	Não trabalha	Divorciada	-
Sônia	1	Ensino superior completo	Trabalhos manuais	Casada	40 anos

Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à maneira como foram apresentadas à igreja e como a conheceram, a maioria das entrevistadas relata ter tido contato desde jovens através de suas famílias. Algumas foram inicialmente introduzidas à igreja católica e, posteriormente, conheceram a igreja evangélica, tais como Elen, Alessandra e Sônia me relataram. Alessandra traz que a igreja está presente: “Desde sempre, os meus

pais foram criados na família cristã, criaram os filhos e seguimos desde sempre. Só não estou mais na mesma denominação, mas continuo sendo cristã”. Assim como no relato de Sônia:

Eu sou cristã desde criança, né, desde bebê porque eu fui apresentada na igreja. Aí depois a gente resolve, porque eu já estava na adolescência, começa a se afastar um pouco, aí foge da igreja, vai pro mundo, conhece um pouco, se decepciona e depois volta de novo. Aí já faz mais de 20 anos que eu voltei e aí não sai mais. Mas a princípio eu sou apresentada desde bebê na igreja, já tenho muito tempo de crente (SÔNIA).

Já no caso de Rose, ela teve contato desde muito jovem com a igreja evangélica por causa de sua mãe, ela traz em seu relato:

Olha, foi devido às orações de 30 anos da minha mãe [...]. Então eu não acreditava nas pessoas. Eu me revoltei com Deus. Eu, meu Deus, foi um período bastante difícil pra mim, sabe? Só que minha mãe era evangélica (ROSE).

Além disso, ela também relata que, ao se mudar para uma nova cidade onde havia poucas opções de lazer, ela e seu marido costumavam viajar em busca de algo para fazer em momentos de ócio. Durante uma dessas viagens, ela voltou a ter contato com a igreja, como ela relata: “lá a gente aproveitava, bom já que nós tamo aqui, onde é que nós vamos? Na igreja, porque lá a gente, a gente vê gente, a gente fala com alguém e fazíamos isso, eu e o meu marido. E aí eu gostei muito.”

Outras tiveram o primeiro contato com uma filiação da igreja evangélica e, mais tarde, decidiram mudar para outra filiação que se identificavam mais, como é o caso da Fabrine que expõe esta mudança: “Olha, eu comecei a ir na igreja quando eu era criança e quando eu aceitei Jesus, acho que eu tinha uns seis anos de idade.” Ela frequentava uma filiação e com seu esposo encontraram outra que se identificaram mais.

Algumas trazem o relato de que foi por meio de experiências dolorosas que estabeleceram uma conexão com a igreja. Por exemplo, Vanessa, que frequenta a igreja evangélica atual há 15 anos, relata: “com a ajuda de Deus, eles me salvaram, porque na verdade eu ia morrer porque eu tinha tentado me suicidar, né?”.

É também o relato de Raquel e Jaqueline, Raquel relata que “Deus me recuperou. Mas eu fui pra Jesus pela dor”. Jaqueline conhecia a religião evangélica

pelas irmãs porém não frequentava, mas devido a um aborto espontâneo, frequentou a igreja:

Eu tava grávida e eu perdi essa gravidez. Meu bebê passou da hora de nascer. E assim, eu nunca tinha tido nenhuma perda na minha vida assim, nem de avós, nem de ninguém próximo, nem de bicho de estimação, porque eu não tinha bichos de estimação. Então foi a minha primeira perda assim, foi de um filho, o negócio é bem, bem punk, né? [...] Eu tava muito necessitada, eu fui né e não saí mais assim (JAQUELINE).

Já Jéssica traz um relato diferente das demais, pois buscou a religião devido a um sentimento de confusão, como transcrito a seguir:

Então eu tava com bastante confusão sobre a minha, sobre a minha sexualidade, sobre minha visão de mundo. E eu também era, eu tinha problema com o uso de drogas na faculdade e tudo, então eu estava me desintoxicando. E aí eu conheci uma pessoa nesse período que era evangélica e aí ele me levou num culto e aí foi, foi aí que começou (JÉSSICA).

Ao serem questionadas se já haviam frequentado outras igrejas ou religiões, apenas duas das entrevistadas mencionaram ter frequentado outras religiões que não a evangélica ou católica. Vanessa frequentou casas de umbanda e Raquel não especificou as religiões que frequentou, mas mencionou que foram várias e que não se identificou com nenhuma. As demais relataram ter tido experiências em diferentes filiações dentro do contexto da igreja evangélica.

Pelos relatos das entrevistadas, a igreja está presente o tempo todo em suas vidas. Raquel diz que a igreja está presente “Em tudo. Eu não vivo sem Deus, sem Jesus Cristo, sem o Espírito Santo. A minha vida sem eles é morta e vazia.” Jaqueline relata também que:

A religião está presente o tempo todo, né? Porque assim, o entendimento que a gente tem, que a igreja somos nós, somos nós, né? Então eu não preciso de estar num templo para poder estar em contato com meu Deus. [...] Então, assim, é o tempo todo, está fazendo parte da minha vida. E só aí a palavra, a Bíblia, ela molda o nosso caráter, ela ensina, bota os trilhos, mostra os trilhos por onde a gente deve andar, entendeu? Então, pra mim assim, é o tempo todo (JAQUELINE).

Além disso, durante a fala das entrevistadas percebe-se que a igreja é um meio de convívio social para elas, que os eventos que elas fazem parte são vinculados à igreja ou às pessoas que conheceram por influencia dela. Duas das

entrevistadas trazem que a igreja é como uma família para elas, como na fala de Fabrine: “foi a igreja que fez toda diferença, porque é um círculo de amizades que você cria, é como uma família. Você se sente aceito, você se sente fazendo parte de algo, né? [...] E a igreja é legal porque tu se sente, não é uma família de sangue, mas é uma família espiritual”. No entanto, essa sensação de pertencimento pode ser complexa, assim como em famílias que possuem regras e hierarquias, o que pode resultar em uma pressão para adotar comportamentos para poder serem inseridas e aceitas.

Relacionado à ideia que elas possuem de família, algumas entrevistadas como Sônia e Raquel trouxeram que família é respeito, onde existe confiança e sobre a importância da fé, de colocar Deus na frente e depois a família. Raquel traz que “família é isso pra mim é amor principalmente, a gente coloca assim submissão, parece que a mulher tá se submetendo né. Mas é andar junto, lado a lado e os filhos né, que são tudo pra gente, é a primeira célula que existe”.

A Bíblia apresenta a figura de Eva, criada a partir da costela de Adão, o que sugere que as mulheres são consideradas inferiores, já que não foram criadas diretamente e moldadas por Deus. Isso contribui para um discurso de inferioridade contra as mulheres e justifica a submissão da mulher, refletindo a sociedade patriarcal onde os homens detêm o poder e comandam a seu favor (SIRELLI; SOUSA, 2017).

Segundo Lins, Machado e Escoura (2016), persiste na sociedade um modelo mais tradicional de organização familiar, no qual são atribuídos papéis específicos aos membros da família. Nesse modelo, o homem é visto como provedor, responsável por garantir o sustento material da família, enquanto a mulher é encarregada por cuidar da casa e dos filhos. Esse modelo de família se tornou naturalizado e, muitas vezes, serve como padrão para avaliar e julgar as famílias diferentes desta como desestruturadas.

Reforçando esta ideia de uma família tradicional heterossexual, Alessandra também fala sobre o que considera como “base familiar” e explicita seu modelo de família e de que maneira também influencia em seus planos profissionais:

A minha ideia de família é bem tradicional assim pai, a mãe, as crianças, preocupada com a questão da educação também, cuidando do lar, atendendo a casa assim. Não só estar em casa né, mas principalmente, eu vejo essa na minha hierarquia depois do casamento, cuidar dos filhos, administrar a casa, mas não impedindo de ter uma carreira, trabalhar fora,

mas priorizar isso. Assim, não ter algo que tire a atenção disso ou que se sobressaia (ALESSANDRA).

Para Alessandra, seu esposo cuida da família promovendo conforto e segurança, em relação ao financeiro e "na questão espiritual também, de escolher uma boa igreja. A gente lê bons livros, a gente conversa sobre essas coisas da criação cristã que a gente quer passar para os nossos filhos, os princípios cristãos que a gente tem dentro do nosso relacionamento. A gente fala que ele é tipo um pastor de família". Alessandra aprendeu com outras mulheres da igreja de Santa Maria - RS sobre como não deveria reclamar do marido e filhos e que pode glorificar a Deus em obras "dentro da sua realidade", "demonstrando o amor de Cristo" com suas irmãs da Igreja, ensinando outras mulheres a manter seus casamentos e maternidades felizes.

E elas me ensinaram muito sobre isso, a não falar mal do marido, a não reclamar dos filhos. É uma bênção de Deus ter um marido que se preocupa com a gente, que se importa em nos oferecer o melhor, que vai falhar mas entender a gente também vai ajudar ele nas coisas, a respeitar a história uma da outra se uma amiga minha falava um problema só pra uma de nós, ninguém saía espalhando o que tava acontecendo, era acolhido, era resolvido. E de mostrar pra outras mães, outras mulheres que isso é possível e que isso também é uma forma de viver pra glória de Deus, né? A questão de ensinar a outras mulheres que o casamento delas pode ser feliz, que a maternidade pode ser feliz é uma forma de também servir a Deus (ALESSANDRA).

A fala de Elen traz elementos semelhantes e ela diz que possui uma família tradicional, a que as pessoas dizem que é a normal. Quando eu questiono sobre o porquê ser a normal, ela responde: "Porque tem muita gente (em geral) que não aceita um outro tipo de família. Mulher com mulher, homem com homem, ter filho, essas coisas. Então a nossa é uma família básica, né." Isso também aparece na fala de Jéssica que relata:

Sei que existem vários núcleos familiares e tudo mas a minha percepção individual, mesmo de família, é aquela constituída por Deus, uma família com uma estrutura do casamento, sabe? Homem, mulher, filhos, família conjugal, matrimonial, né? Seria o patriarcado, né? O pessoal fala (risos)... A família patriarcal (JÉSSICA).

E quando questionada sobre a existência de outras formas de constituição de família além das que ela citou, Jéssica se refere às famílias monoparentais. No entanto, ela não considera essa forma de família como a ideal, mas a respeita. Além

disso ela comenta que “na nossa sociedade em que a gente vive, a gente tem que respeitar, mas aceitar eu não aceito, não opino na vida de ninguém mas se vierem me perguntar como agora diretamente, eu posso até ser presa (risos)”.

Dentre as entrevistadas, Jaqueline apresenta uma visão mais abrangente sobre família, incluindo pessoas que vivem num mesmo espaço físico: “podem ser pai, mãe e filhos. Podem ser avós, tios. Não sei, quem mais estiver morando debaixo do mesmo teto, que tiver laços sanguíneos, ou às vezes um amigo ou alguém que você dá guarda, pode ser tão mais íntimo que um próprio familiar”.

Em relação à responsabilidade pelas diretrizes da casa, a maioria das entrevistadas afirmou que as decisões são tomadas em conjunto por meio de uma conversa entre elas e seus maridos. No entanto, houve divergências, como no caso de Raquel, que mencionou que por conta da casa, a mulher tem mais influência, mas toma decisões conversando com o marido. Por outro lado, Rose destacou que: “Olha, sem falta modéstia, tu acredita que eu comando o espetáculo?”. É importante ressaltar que ambas são divorciadas atualmente, não dividindo a casa com um marido.

Além disso, Elen, que está casada há 40 anos, menciona que, desde que parou de trabalhar, quem assume os compromissos é o marido, mas no passado era ela quem estava à frente de tudo. Fabrine e Jéssica mencionaram que o homem é visto como “a cabeça”, “a coluna da casa” enquanto a mulher é auxiliar. Fabrine ainda ressalta que entende que a palavra final sempre cabe ao homem. Neste sentido, Alessandra diz que ser a “boa esposa” respeita o marido e busca “não desautorizar ele nem em frente aos nossos filhos quando ficarem maiores, nem ridicularizar ele frente a outras pessoas”. Entretanto, entende a necessidade de se posicionar e diz que deve “entender o lado dele, apoiar quando necessário, mas também confrontar quando é necessário também”.

No Código Civil de 1916, o único modelo de família considerado como legítimo era aquele constituído pelo casamento e organizado a partir de uma estrutura nuclear com pai, mãe e filhos. O Código Civil estabelecia que o marido era o chefe da família, responsável pela administração dos bens, sustento da família, decisões sobre a residência e até mesmo pela autorização da profissão da esposa. Nessa lei, estipulava as obrigações da esposa, designando-a como companheira, colaboradora e responsável pela direção material e moral da família (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Percebe-se, pelas entrevistas, que aquele modelo de família do Código Civil de 1916, mesmo que não sirva para reger mais a esfera jurídica, ainda persiste como modelo de organização familiar para algumas das entrevistadas. Durante as entrevistas, quando foram questionadas em relação ao papel da mulher e do homem na casa, a maioria respondeu que o homem é o provedor financeiro, o que promove segurança; enquanto a mulher desempenha o papel de cuidar da casa e transformá-la em um lar. A fala de Sônia explicita essa visão ao dizer: “Bem, o papel que eu considero em casa é eu cuidando da casa e ele, como trabalha, bota dentro de casa. Colocar as coisas dentro de casa, porque o homem é quem sai pra trabalhar e traz (compras) pra dentro de casa e a mulher quem cuida, né?”.

Durante as entrevistas, percebe-se uma naturalização de características associadas ao “ser homem”. Segundo Pires (2008), na tradição judaico-cristã, a divisão dos papéis atribuídos ao homem e à mulher se perpetua ao longo de mais de dois mil anos. Essa visão associa o feminino à passividade, receptividade, geração de vida, cuidado e emotividade, enquanto o princípio masculino está relacionado à razão, atividade e luz. Como vemos, por exemplo, na fala de Jéssica que menciona que:

Eu acho que o homem, ele é mais racional. Então, pra mim o papel dele seria. [...] É como se ele fosse, vou dar um exemplo, é como se ele fosse um super herói, sabe? Que carregasse as cargas mais pesadas, que seria o que suporta mais os problemas mais pesados, as notícias ruins, a administração dos problemas. Porque eu acho que isso é bem, bem peculiar do homem, sabe? Bem peculiar (JÉSSICA).

Essa visão é reforçada na fala de Fabrine, que destaca a capacidade do homem de focar em uma coisa só, sendo mais concentrado e um líder. Diferente da mulher, segundo ela, que consegue se concentrar em várias coisas ao mesmo tempo, resultando em uma perda de foco algumas vezes. Atribui a ele também poderes de mais força, como super herói, porém, não se iguala e não considera que suas tarefas sejam tão difíceis quanto as dele.

Mesmo que seus papéis sociais possam ser considerados como menos relevantes em relação ao dos homens, estas mulheres entendem que devem cumprir com seu papel dentro do matrimônio. Alessandra, por exemplo, explicita como a influência do entorno social está presente também na maneira como direciona sua família:

Como fundamento básico né, toda a forma como a gente conduz nosso relacionamento pessoal com as pessoas, o nosso casamento, a criação dos nossos filhos é tudo baseado nos ensinamentos bíblicos que a gente aprende na igreja e em casa, né (ALESSANDRA).

Dentre as mulheres casadas, apenas uma relata ter dias em que sente vontade de desistir da relação com o marido, mas essa sensação vai passando e eles acabam sempre ficando juntos. Outra menciona que consideraria desistir apenas em caso de violência física, e uma terceira entrevistada diz que seria complicado para ela lidar com uma traição. As outras três entrevistadas casadas afirmam que não desistiriam da relação.

A maioria das entrevistadas respondeu que um bom marido é alguém que seja companheiro, que compreenda a mulher e a ajude no que for possível, que cuide da esposa, seja confiável e esteja ao seu lado. Quanto a ser uma boa esposa, as respostas foram de dar um bom exemplo para o marido, honrá-lo, estar com ele independente do cansaço, se importar com suas necessidades e cuidar da casa para que ele tenha menos preocupações.

Sônia relata que: “uma boa esposa cumpre com as obrigações da mulher, né. É, o pessoal diz, ah mas como assim, mas o homem manda, mas não, não é mandar. Eu acho que tudo tem um acordo entre os dois, nenhum manda mais que o outro.” Jaqueline relata que responde de acordo com o lado religioso, mencionando que:

A esposa é uma auxiliar. O pessoal tem uma ideia muito deturpada de uma mulher ser submissa, né? As pessoas não entendem o que é ser submissa. Ser submissa é estar sob a mesma missão. Então a nossa missão, no caso, é ajudar no crescimento da família, na manutenção da família (JAQUELINE).

Relacionado às orientações da igreja sobre modo de se vestir e de se comportar, as entrevistadas afirmaram que a igreja não proíbe nada, porém que para fazer parte é necessário seguir algumas regras, como não beber álcool e não fumar. Sônia ressalta que se as pessoas fazem essas coisas não estão entristecendo o pastor, mas sim a Deus.

Raquel menciona que é importante não se vestir de forma a provocar os irmãos na igreja, já que, segundo ela “os irmãos não aguentam e olham mesmo, né”. Elen afirma que bebe uma cerveja ou vinho, mas sem exagerar, e que sua igreja é

contra assistir novelas, mas ela assiste. Fabrine diz que não é falado explicitamente, mas que a pessoa sente uma vontade de mudar sem ser pressionada. Alessandra complementa dizendo que: “Então a nossa não tem sermões sobre sobre questão de vestimenta, sobre regras da igreja é tudo muito, fica subentendido pela questão de maturidade mesmo dos cristãos, de que existe um limite pras coisas mas é possível aproveitar tudo, né?” (grifos meus). Jaqueline relata que, se ver alguém na igreja com uma roupa muito decotada, não vai julgar, mas acredita que não está adequada para um ambiente que considera respeitoso, e seu papel como cristã é “orar para que o Espírito Santo de Deus abra os olhos dela e veja que ela não precisa fazer o que todo mundo faz ou fazer, querer se expor de uma maneira que não é isso que Cristo quer da gente sabe. Não é isso que Ele busca na gente”. Jaqueline retrata uma visão conservadora que existe em igrejas cristãs, voltadas a uma rígida disciplina das vestimentas e formas de expressão.

Jéssica menciona que em sua igreja não há regras de vestimenta, mas ela se baseia no que está escrito na Bíblia para as mulheres se vestirem de modo adequado. Além disso, ela traz que:

Porque a nossa vestimenta diz muito quem nós somos. Então, você quer chamar atenção? Meu corpo, minhas regras? Então, anda pelado na rua. (risos). Então lá na igreja, a gente, o pastor até falou esses dias que não é a vestimenta que vai definir quem você é. É o teu coração. Mas tem um bom senso, né? O nosso corpo é templo do Espírito Santo. Então se eu for vestir uma roupa muito indecente, eu sei que eu vou provocar outros homens. Essa é a minha intenção? (JÉSSICA).

As entrevistadas relatam que a obediência a Deus significa seguir o que está na palavra Dele, os princípios da Bíblia. Uma das entrevistadas traz que é obedecer o que está escrito, mesmo que ela não concorde com isso. Elas afirmam ser obedientes a Deus, sendo que três delas também dizem ser obedientes a seus maridos e duas relatam serem obedientes a seus pais.

Quanto à igualdade entre homens e mulheres, de maneira geral, elas afirmam que não são iguais. Embora reconheçam que ambos são filhos de Deus, ressaltam que possuem funções diferentes. Raquel traz que são diferentes em questão de hierarquias, não que a mulher seja um “capacho do homem”, mas que ela é diferente em questão de submissão. Quando questionada sobre o que ela pensa sobre submissão, ela responde: “Submissa significa não, por exemplo, eu vou te dar um exemplo, pastora governando uma igreja... e o homem, como é que fica? Na

Bíblia não diz isso né. A mulher não pode mandar. E hoje em dia o que a gente mais vê é mandar”. Esta ideia de obediência e submissão se reflete também na estrutura da igreja, em que não há mulheres pastoras, pois as lideranças devem ser dos homens. Como explica Alessandra: “a mulher já tem uma demanda tão grande de coisas, uma pressão tão grande, que chega a ser uma benção pra ela não precisar ser a responsável por administrar toda aquela igreja” (grifos meus).

Duas das entrevistadas relatam que são diferentes na personalidade, já que a mulher consegue ser multitarefa e o homem consegue focar em uma coisa só, sendo mais racional. Alessandra traz sobre o mito de Adão e Eva:

Quando Deus criou Adão e Eva, ele fala que não era bom que o homem estivesse sozinho e ele fez uma ajudadora pro homem, não alguém que tivesse, fosse um objeto pra satisfazer algo que o homem precisa. Não, é alguém que vai complementar, que vai ajudar, que vai fazer ser perfeito, cada um nas suas atribuições (ALESSANDRA).

Rose relata que na Bíblia fala que o homem é a cabeça da família, que ele é o provedor e a mulher também tem suas tarefas, porém a coroa fica com o homem. É um discurso que reafirma formas de relacionamento que não saiam da heteronormatividade. Rich (2010) discute a ideia da heterossexualidade como uma norma imposta pela sociedade, um sistema obrigatório que implica que as mulheres devem se relacionar com os homens para serem aceitas socialmente. Além disso, ela traz como isso impacta a vida das mulheres, limitando suas opções e sua liberdade sexual e emocional.

Sônia afirma que homens e mulheres são diferentes na questão de opinião e traz que:

O homem sempre, não todos, sempre quer ser machista e sempre acha que tem mais autoridade. Eles acham que a mulher é mais fraca e tem que obedecer sempre a eles, mas não é bem assim. Eu acho que deveria ser iguais as opiniões. Porque se o mundo hoje está assim é por conta de opinião, por um querer ser mais do que o outro aí gera essa, esse conflito que tá hoje em dia. Aí hoje quer ter mais poder, hoje quer mandar mais e fica nessa desunião, nessa baderna que tá o mundo, nesse sofrimento que tá. Então eu acho que se o povo se comprometesse mais botando Deus no meio, usando mais os termos cristãos, as opiniões seriam mais, mais parecidas (SÔNIA).

Quando questionadas sobre homens e mulheres realizarem o mesmo trabalho, porém receberem salários diferentes, todas responderam que era injusto.

Sônia trouxe que “Bem, aí é problema né? Porque o homem sempre quer estar acima de tudo, né”. Elen relata que é muito ruim, que deveria ser igual e traz que “até porque depois a mulher tem a outra jornada, chega em casa e tá tudo esperando ela e os homens chegam e se bancam no sofá”.

3.1.1 Religião e feminismo

Quando questionadas sobre o feminismo, uma das entrevistadas se sentiu desconfortável, dando risos e preferiu não responder. Alessandra relata que ela, como cristã conservadora, entende que não pode ser as duas coisas, referindo-se à questão da liberdade de fazer o que quiser que ela acredita não ser muito saudável e ao aborto. Além disso, ela traz que:

A igualdade eu acho que ok, no sentido de que se a mulher é apta a fazer aquilo e ela quer fazer aquela profissão, ela tem total direito de fazer e vai fazer às vezes muito melhor que qualquer outro homem [...] Mas essas, essas pautas assim de que meu corpo, minhas regras. Onde a mulher, ela, ela ultrapassa o limite dos outros na busca de ser, de ser aceita, de que eu quero que me respeitem assim. Ela já desrespeita às vezes o outro lado (ALESSANDRA).

Ela também menciona que a mulher lutou tanto para conquistar algo que hoje talvez isso a escravize de certa forma, além de dar espaço para mulher pode ser prejudicial, resultando em uma vida muito estressante para ela. Alessandra relata que as feministas lutam para que o patriarcado não as oprima, mas que acabam buscando mais problemas e que deveriam lutar para serem respeitadas como pessoas e não apenas porque são mulheres. Ela entende que a divisão de tarefas às vezes pesa mais para o homem e que não diminui a mulher, mas sim é uma forma de preservá-la.

Alessandra também traz que o problema maior dela com a questão do feminismo é que as feministas lutam por um respeito que nem sempre oferecem para as mulheres cristãs, que têm feministas que diminuem as mães que gostam dessa “vida de mulherzinha”, como ela relata. Jéssica fazia parte do movimento feminista na universidade, porém hoje em dia ela vê o movimento de forma diferente, como ela relata:

Então, ali no início sempre foi uma questão de luta pelo voto, pela igualdade. Até dou uma razão pra isso, né? No início e tudo, mas se eu for olhar a luz da palavra, o feminismo é mais uma onda de como a mulher pode ser melhor do que o homem. E hoje em dia a gente vê isso muito enraizado, hoje em dia num movimento feminista ele é contra o patriarcado, contra a heteronormatividade. Virou uma bagunça esse movimento. Então, as pautas feministas, elas são contrárias à família, então é contrário a tudo aquilo que eu creio (risos). Então parece que é um ranço lá do Éden, sabe? Então, eu não acredito no movimento feminista (JÉSSICA).

Além disso, Jéssica menciona que talvez devesse estudar mais sobre o movimento para poder dialogar com outras pessoas. Ela aprendeu através da Bíblia que não precisa de ideologias para viver, embora siga o sistema de ideias, valores e princípios da igreja, ou seja, ao que ela demonstra, apenas alterou a ideologia que norteia seus pensamentos e ações. Ela também relata que foi a primeira vez que falou com outra pessoa sobre isso e teme falar sobre o assunto com outras pessoas e ser taxada de intolerante e fascista.

Fabrine relata que o feminismo é a mulher querer ser melhor que o homem. Rose diz que foi uma criação de moda, que ela não tem nada contra, mas que se considera feminina por natureza e não se identifica como feminista. Elen menciona que o feminismo é um assunto polêmico e “bem chatinho”, e ela adiciona que:

A luta dessas mulheres feministas às vezes é muito estranha. Elas não tem o objetivo de realmente ensinar a mulher a ser mulher, sabe? Porque tu ser dona de casa não quer dizer que tu não é feminina, que tu não tem autoridade, que tu não tem voz porque tu é uma dona de casa; e elas acham que não, sabe. Outra coisa, eu acho que as feministas estão muito voltadas também pro lado político. E elas esquecem que as vezes ela podia ajudar as mulheres, não com essas atitudes já agressiva que o feminismo tem mas que elas podiam ter uma outra maneira de ser feminista pra ajudar as mulheres (ELEN).

Jaqueline fala que o feminismo é querer ocupar um lugar que não é seu, que a liberdade com o corpo é contra os princípios cristãos de valorização da vida. Ela relaciona a luta das mulheres para conquistar seus direitos com a atual condição da sociedade, que ela considera estar muito doente. Além disso, menciona que o feminismo busca apenas a parte boa de ser homem, mas que não está disposto a ir pra guerra, por exemplo.

Ela traz, assim como Jéssica, que é contra incutir ideologias e descreve o feminismo como uma “panelinha” em que apenas defendem quem faz o que elas julgam ser correto. Raquel menciona que o que tem escutado sobre o feminismo são posicionamentos que ela não concorda, como a liberdade ao aborto, os trisais e a

liberação da maconha que, segundo ela, é a porta de entrada de todas as drogas. Ela considera o ativismo feminista horrível, mas diz que tem mulheres feministas que são mais “controladas”.

E Sônia fala que o feminismo é uma confusão, pois considera que é a mulher querendo dominar, o que ela não acha correto. Ela explica o motivo de pensar dessa forma, dizendo:

Se Deus criou o homem e a mulher é pra ter uma concentração, uma concentração tanto de um quanto o outro, então cada um sabe o seu limite de falar, o seu limite de viver, o seu limite de combinação. Porque se não fosse, Deus não tivesse criado homem e mulher, não precisava de homem no mundo para a mulher tomar uma decisão sozinha, fazer o que queria (grifos meus) (SÔNIA).

Ela relaciona o feminismo com o que a Bíblia aborda sobre o fim dos tempos, considerando-o algo muito errado, uma desunião e acredita que a solução é orar para Deus pedindo proteção. O feminismo é visto, portanto, como uma ameaça a valores que elas entendem que deveriam ser preservados e à união dos membros que compõem uma família.

O relato das entrevistadas se relaciona com o que bell hooks (2023) aborda em seu livro, onde ela menciona que é comum, quando o assunto é feminismo, ouvir sobre a maldade do movimento e que muitas vezes as pessoas pensam que o feminismo é sobre mulheres querendo ser iguais aos homens. No entanto, o objetivo do feminismo é garantir que as mulheres adquiram direitos iguais. Isso fica evidente quando todas as entrevistadas concordam que é injusto mulheres e homens receberem salários diferentes, porém elas se mostram contra o movimento feminista.

Isso ocorre, segundo hooks (2023), em função da mídia de massa. Fundamentadas em uma lógica cristã, muitas destas mulheres acreditam que Deus ordenou a subordinação das mulheres aos homens no ambiente doméstico. Segundo Manon (2018), alguns dos textos religiosos prescrevem que as mulheres devem se submeter a Deus e também a seus maridos, assim como algumas entrevistadas trazem em seus relatos. Porém, uma leitura literal dos textos sagrados não é a única forma de compreendê-los já que eles permitem uma multiplicidade de interpretações.

As referências de gênero estabelecem distribuições desiguais de poder, representando uma das formas pela qual o poder político tem sido concebido.

Através dessa oposição binária homem/mulher, uma estrutura de controle e acesso desigual aos recursos materiais e simbólicos é estabelecida, tornando-se assim parte do próprio significado de poder (SCOTT, 2019).

O movimento feminista trouxe uma variedade de reflexões, acompanhadas de diversos textos teóricos visando explicar as desigualdades de gênero e propor objetivos para superá-las. É importante destacar que são diversas as vertentes do feminismo, dentre elas o feminismo marxista, feminismo negro, feminismo lésbico, transfeminismo, feminismo comunitário, entre outros (SANTANA, A.; SANTANA, J.; JÚNIOR, 2021).

O feminismo marxista enfatiza a opressão e exploração dupla das mulheres, tanto como mulheres quanto como trabalhadoras, utilizando a teoria de Karl Marx. Critica o sistema capitalista por entender que se apropria da opressão de gênero a seu favor, conectando produção, reprodução social e divisão sexual do trabalho. Aborda também a violência e a exploração doméstica. O transfeminismo surge como um movimento que busca promover a existência de diversas identidades, organizando uma frente baseada na luta pela autonomia e emancipação. A história das pessoas trans é marcada pela clandestinidade e apagamento, especialmente dentro do movimento feminista. O transfeminismo busca visibilizar e amplificar as vozes das mulheres trans na luta por uma vida mais digna e igualitária (SANTANA, A.; SANTANA, J.; JÚNIOR, 2021).

O feminismo lésbico busca desafiar a opressão masculina sobre os corpos lésbicos, questionar a heterossexualidade como norma única e reivindicar o direito ao prazer e à expressão sexual. Critica a heterossexualidade compulsória, entendendo-a como uma instituição social e política que subjuga as mulheres aos homens. Há também o feminismo lésbico negro, que ao considerar a interseção entre gênero, sexualidade e raça traz à tona a reflexão de que essas mulheres enfrentam maiores riscos de vulnerabilidade. O feminismo negro é pautado na luta das mulheres negras por igualdade. Ao longo da história, essas mulheres foram silenciadas na sociedade, especialmente dentro do movimento feminista, que em seu início era predominantemente liderado por mulheres brancas (SANTANA, A.; SANTANA, J.; JÚNIOR, 2021).

Hoje em dia estão em pauta as discussões sobre o feminismo interseccional. A autora Carla Akotirene (2019) define a interseccionalidade como uma via que permite às feministas uma criticidade política para compreender a “[...] fluidez das

identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e as opressões estruturantes da matriz colonial moderna [...]” (AKOTIRENE, 2019, p.24). No mesmo livro, ela destaca que, segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade nos possibilita enxergar a intersecção das estruturas. Sendo assim, a interseccionalidade é considerada uma ferramenta destinada a uma análise abrangente das relações de poder.

A fala das entrevistadas revela uma visão generalizada do feminismo, na qual elas criticam certas posições feministas, em sua maioria demonstrando uma oposição a este movimento social. No entanto, concordam com algumas pautas como a busca pela igualdade salarial. Vale ressaltar que o feminismo engloba diversas vertentes, embora pareça que essa diversidade não seja reconhecida dentro do contexto religioso abordado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de milhares de anos vêm sendo internalizadas, pela cultura ocidental, características do homem e da mulher como algo natural e normal. A religião representa uma das manifestações mais antigas e universais da alma humana já que somos moldados pela cosmovisão judaico-cristã (PIRES, 2008).

Através desse processo histórico e cultural, as diferenças percebidas entre homens e mulheres foram transformadas em comportamentos e expectativas esperados de cada gênero. Além disso, essas diferenças resultaram em hierarquias, onde a desigualdade se manifesta em desvalorização salarial, repressões, discriminações e violências. É importante lembrar que combater as hierarquias de gênero não implica em apagar todas as diferenças, mas sim garantir que as variações não sejam usadas para estabelecer relações de poder, hierarquia, violência e injustiça (LINS; MACHADO, 2016).

A partir da fala das entrevistadas, percebe-se o quão enraizado estão os papéis de gênero dentro do contexto religioso, com uma hierarquia definida entre homens e mulheres. Isso fica perceptível em seus relatos, nos quais o homem é o responsável pelo trabalho e traz o sustento da casa, enquanto a mulher assume a responsabilidade pelo cuidado do lar, muitas abandonando suas atividades profissionais fora de casa.

Manon (2018) menciona que estudar a dominação masculina sob o ponto de vista das mulheres permite ver a submissão de uma maneira mais complexa, revelando como ela influencia as escolhas e desejos das mulheres, bem como seus aspectos sedutores e alienantes. Quando a entrevistada menciona que submissão é estar sobre a mesma missão, isso significa viver conforme a hierarquia definida entre homens e mulheres? E dessa forma viver conforme uma desigualdade de poder?

É importante refletir sobre a submissão em toda sua complexidade, inclusive considerando sua naturalização, que muitas vezes ocorre de forma imperceptível. Vale ressaltar que a religião evangélica se baseia na Bíblia, porém a leitura dos textos sagrados permite uma multiplicidade de interpretações, muitas delas ocultadas ou desvalorizadas nos discursos difundidos em espaços religiosos.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. (Feminismos plurais) Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359). Acesso em: 18 ago. 2023.
- COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.
- CHECCHIA, Marcelo Amorim O patriarcado entre Sigmund Freud e Otto Gross. In: PARENTE, Alessandra Martins; SILVEIRA, Léa (org.) **Freud e o patriarcado**. São Paulo: Editora Hedra, 2020. p. 231-254.
- CUNHA, Bárbara Madruga da. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE DIREITO DA UFPR, XVI, 2014, Curitiba. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf> >. Acesso em: 05 jun. 2023.
- FRANÇA, Fernanda. **Moça, você é tão poesia quanto mulher**. Giliarde França, 2020.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.
- IBGE. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Agência de notícias IBGE. 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- LE MOS, Carolina Teles. Religião e patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. **Caminhos**, Goiânia, v.11, n.2, p.201-207, 2013. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2795/1709>>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.
- MAGENTA, Matheus. **O que é ser evangélico?**. BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62551290#:~:text=As%20origens%20dos%20protestantes,%20suas%20%2295%20Teses%22.>>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- MANON, Garcia. **Não nascemos submissas, nos tornamos**. 2018. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/719912/Garcia%2C+Manon+Submissao+feminina%2C+livro.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2023

MEYER, Dagmar. Gênero e Educação. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 11-29.

MORGANTE, Mirela Marin. NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. In: Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas, XVI, 2014, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.

PIRES, Valéria Fabrizi. **Lilith e Eva**: imagens arquetípicas da mulher na atualidade. São Paulo: Summus, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116-148.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 4, n. 5, p.17-44, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 23 ago. 2023.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/37677/ve_Fabiola_Rohden_2001.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 24 jun. 2023

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Disponível em: <https://monoskop.org/images/c/c9/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SANTANA, Alícia; SANTANA, Jucimara; JÚNIOR, José. “Feminismos: delas para todes” - um estudo sobre as vertentes do movimento feminista a partir da experiência da construção de um material pedagógico. In: VIII SEMINÁRIO NACIONAL E IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E PRÁXIS EDUCACIONAL, 9., 2021, Vitória da Conquista. **Anais**. Disponível em: <<http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/9589>>. Acesso em: 15 set. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p.48-80, 2019.

SILVA, Gustavo Vilella. A violência de gênero no Brasil e o gemido das mulheres evangélicas. **Discernindo**, São Paulo, v.1, n.1, p. 131-142, jan./dez. 2013. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/discernindo/article/view/4773/4058>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

SIRELLI, Paula Marins; SOUSA, Marilia de Oliveira de. Religião e propagação da ideia de submissão da mulher. **Revista serviço social em perspectiva**, Montes Claros, v.1, n.2, p. , jun/dez. 2017. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/972>>. Acesso em: 12 ago. 2023

SOUZA, Sandra Duarte de; OSHIRO, Claudia Poleti. Mulheres evangélicas e violência doméstica: o que o poder público e a igreja têm a ver com isso?. **Caminhos**, Goiania, v.16, n.2, p. 203-219, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6730/3786>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva. HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde**: Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4127214/mod_resource/content/1/Victora%20et%20al.%20pesquisa%20qualitativa%20em%20sa%C3%BAde.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

As informações fornecidas por Luiza Huber Jacques têm por objetivo firmar acordo com a voluntária para participação da pesquisa, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ela será submetida.

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, na pesquisa. Este estudo tem como objetivo conhecer e estudar sobre mulheres evangélicas e família. Acreditamos que este trabalho é importante na medida em que se faz necessário uma maior visibilização dentro do meio acadêmico da religião evangélica dando enfoque para as mulheres.

Ao participar deste estudo você vai responder algumas perguntas sobre o tema. Uma vez que o interesse desta pesquisa tem como foco as suas percepções sobre o tema, não há, portanto, respostas certas ou erradas. A participação ocorrerá por meio de uma única entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para que possamos analisar os elementos trazidos por você neste relato. A transcrição ficará disponível para o acesso das pesquisadoras somente, de modo a resguardar a confidencialidade dos seus dados.

Por meio deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), você está sendo informada de que pode esperar o benefício indireto de contribuir para a compreensão e visibilidade da temática. Entretanto, também é possível que aconteçam alguns desconfortos durante a sua participação, tal como lembranças incômodas ao falar da experiência. Para minimizar o desconforto, é possível interromper a realização da entrevista a qualquer momento do processo, além de que a entrevistadora se disponibilizará a realizar um acolhimento imediato.

Nós, pesquisadoras, garantimos a você que sua privacidade será respeitada, ou seja, que seu nome ou qualquer outra informação que possa, de alguma maneira, lhe identificar, será mantida em sigilo. Nós também nos responsabilizamos pela guarda e confidencialidade dos dados, assim como de sua não exposição. A pesquisa visa analisar o que o grupo todo diz sobre a questão e não o que cada uma das entrevistadas diz especificamente.

Nós lhe asseguramos o seu livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, tudo o que você queira saber antes, durante e depois de sua participação, bem como o recebimento de uma via deste termo. Também informamos que sua participação é livre e voluntária, portanto, você pode se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e sem nenhum tipo de prejuízo.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa.

ANEXO II

INICIAL

- Qual o seu nome?
- Qual a sua idade?
- Até quando você estudou? (e aí complementar entendendo até que nível concluiu)
- Você trabalha? Com quê?
- Quais são os lugares onde você vai no seu tempo livre? E com que frequência vai?
- Como a igreja surgiu na sua vida?
- Qual a igreja que você frequenta?
- Já havia frequentado outras igrejas ou outras religiões?
- Há quanto tempo você frequenta a igreja evangélica?
- Com que frequência você vai a cultos?
- Há outras pessoas que frequentam a igreja e que fazem parte da sua família ou do seu círculo de amizades?
- De que forma a igreja está presente na sua vida?

FAMÍLIA

- Você é casada?
- Você tem filhos? (quantos?) Se não, pretende ter?
- Pra você, qual a sua ideia de família?
- Há outras formas de constituição de família além dessa que você citou?
- Quem dá as diretrizes da família?
- Você está atualmente em um relacionamento em que você compartilha a casa com outra pessoa? Se sim, qual a sua responsabilidade para a manutenção do lar? E qual a responsabilidade da outra pessoa?
- O que considera como papel seu na casa? Qual o papel do homem?
- O que você não gosta de fazer das tarefas domésticas? Há negociação com o companheiro?
- Há quanto tempo se conhecem? Há brigas? Como são (apenas discussões ou grita contigo, ele te desqualifica - chegou a ser alguma agressão física)?
- Essa outra pessoa trabalha? (com o quê?)
- O que é o bom marido? O que é o bom pai? Alguma coisa faria com que você desistisse da relação?
- Para você, o que é ser uma boa esposa? E uma boa mãe?

IGREJA

- Quais são as orientações de conduta que a Igreja dá às mulheres evangélicas (vestimenta, comportamento, consumo de bebida, participação em festas)? Há alguma das orientações que você não cumpra? E por quê?
- Como são as mulheres da sua igreja? Você tem amizade com elas?
- Na sua igreja há um grupo de orações (ou outro grupo)? Você participa? Quem organiza o grupo?

- Você conhece alguma bispa ou pastora? (se não em Santa Maria e região, uma referência no país)
- Você já escutou alguma fofoca circulando em sua igreja? E sobre o que era (ciúmes, inveja, etc.)?

OBEDIÊNCIA

- O que é obediência a Deus? E a quem você é obediente? Você já desobedeceu algo que a sua religião diz que deveria fazer? Se sim, como foi a situação?
- Homens e mulheres são iguais? No que são diferentes?
- Qual a tua opinião quando homens e mulheres que fazem o mesmo trabalho recebem salários diferentes?
- O que você entende como algo feminino? Como tu acha que uma mulher feminina se comporta, fala, gesticula, se veste?
- O que você entende como feminismo?